SÁBADO, 9 DE MAIO DE 2009

Segunda Parte do enganoso fisgado Don Furioso de la Mooca (Caps. 1 a 3)

por Miguel de Seiva-Antes Tu-verás, autor da primeira parte

Dirigida a Don Salame de Casca, conde do Sacomã, do Alto e do Baixo do Ipiranga, marquês de Gentil de Moura e membro da câmera de sua Majestade, comendador dos Sorocabanos e do Grito, vice-rei, governador e capitão geral do reino de Independência e presidente do Supremo Conselho de Malindrania.

Aprovação

Por comissão e mandado dos senhores do Conselho foi checado o conteúdo desta narrativa. Não se constatou nada contra a boa fé e os bons costumes, pelo contrário, viu-se muito entretenimento lícito, mesclado de muita filosofia moral. Pode dar-se licença de publicação.

Doutor Si Vago.

Prólogo

Valha-me Deus e com quanta gana, ilustre ou plebeu leitor, deves estar esperando este prólogo, acreditando nele encontrar justificavas ou insinuações de qualquer tipo, espécie ou matéria. Em verdade, gentil e hipócrita leitor, não terás essa satisfação, posto que não é de nossa feita despertar a cólera em humildes corações. Desejavas ofensas, mas isso não me passa pelo pensamento: que cada um examine-se a si mesmo. Não posso, contudo, deixar de ilustrar as feridas causadas em inúmeras almas e os dilaceramentos em tantas centenas de consciências, que tomaram o falso por verdadeiro e verdadeiro por falso, em decorrência de tão dissimulado impostor. Se meu conto não agrada aos olhos turvos de quem o lê, ele é estimado, ao menos, pelos que foram feridos pela lança venenosa dos aproveitadores que se apresentaram em nossas vidas, dificultando ainda mais a labuta de nossa cotidiana existência. Alguns jamais se recuperaram, pois pagaram caro demais pelas armadilhas da ilusão.
Curioso leitor, eu parecia ser soldado morto ou foragido do combate. Eis que reapareci, mais vivo que nunca, para vos narrar a primeira parte e, agora, com mais receptividade, a segunda e conclusiva parte, dos tantos sucessos, tão ridículos como verdadeiros, do Cavaleiro da Taturana Figura. Ofereço-te nesta segunda parte, paciente leitor, um Don Furioso estendido, finalmente morto e sepultado. E ninguém se atreva a levantar novos testemunhos, pois já bastam os passados e basta também que os homens honrados dêem notícias destas loucuras, sem querer repetir as mesmas sandices: que a abundância das coisas, ainda que boas e instrutivas, fazem-nos que não as estime; e a carência, ainda que má, estimamos.

Lord, Lord, how subject we old man are to this vice of lying!

Shakespeare. Henry IV, part II.

Io stesso, si, io, io, devo talor da un lato pore il timor di Dio
E, per necessità, sviar l'honore, usare stratagemmi
Ed equivoci, destreggiar, bordeggiare.

Verdi. Falstaff

Capítulo Primeiro

De como Don Furioso não aceitou a aposentadoria e saiu em busca de novas aventuras.

Era consenso entre os homens despertos que o mais grave em Don Furioso não era ter enganado tantos homens e mulheres, de mentir e maldizê-los, mas o de nunca ter admitido as barbaridades de suas atitudes e não ter o mínimo de remorso em todo prejuízo que causou a todos eles, pois o bem que por ventura pode ter feito a alguns foi infinitamente menor que todo o mal que espalhou para todo o resto. Chegou-se mesmo a sugerir que se Don Furioso fosse tão magistral quanto Falstaff não estaria errado dirigir-lhe o verso: *That villainous abominable misleader of youth!*

Contudo, depois de um mês, Don Furioso levantou uma madrugada, desperto de um sonho em que discutia com o pato Donald, e pôs-se de pé ao lado da cama, bateu a perna direita na esquerda e bradou: "Eu sou cavaleiro andante! Fui, sou e serei cavaleiro até a morte! Baixe ou suba a bolsa de valores, cheio ou vazio o bolso de meu escudeiro!", e justificando seu retorno, continuava "Essa nossa época louca e depravada não é merecedora que tão valente e virtuoso cavaleiro como Don Furioso aposente-se da cavalaria andante. Vou-me em busca de mais jovens, pois sendo tão nobre minha empreitada, preciso de discípulos para guiar, comandar e ser servido. Sem servos não sou senhor".

E preparava-se, então, Don Furioso para reencontrar o mundo. E se alguém colocasse em dúvida a veracidade da cavalaria andante, ou defendesse, que aquilo não passava de ficção, fábula, invenção e sonho contado por homens despertos, ele logo diria que "Isso é um grande erro em que muitos caíram, pois a cavalaria andante, a exemplo da história de Golias, é a maior de todas as verdades e que nenhum outro cavaleiro teria coragem e honra de exercê-la em tão incrédulo século".

Convocou seu escudeiro do cabelo ruim Melança, que logo pôs sua cabeça chata à disposição de seu amo, para aprender mais um extraordinário ensinamento.

"*Quando caput dolet!*", iniciou Don Furioso.

"Meu mestre, não entendo essa língua. A minha própria já me atrapalha".

“Quero dizer, filho, que quando dói a cabeça, dói todos os membros. E como sou teu amo e senhor feudal, sou tua cabeça, e tu és minha parte, pois és meu discípulo. Por isso, o mal que me toca, tocará também a ti, e há de doer. Quem toca a mim, a ti toca igualmente. Mas diga, que dizem de mim por aí? Que dizem de minha valentia, de minhas façanhas e de minha cortesia? Diga tudo, sem aumentar nem diminuir nada, pois a cavalaria andante exige total entrega às minhas ordens”.
“Farei isso de muito boa vontade, meu mestre, com a condição de que não se altere”.
“Perfeitamente, filho. Diga tudo sem rodeios”.
“Alguns lhe chamam de louco e a mim de mentecapto. Outros dizem que o senhor outorga a si mesmo honras e deveres que não lhes dizem respeito nem em dignidade nem em direito. Têm os que pensam que é louco, mas gracioso; valente, mas maldoso; cortês, mas impertinente. Há ainda os que lhe julgam mentiroso, covarde e mal-educado. Por último, ouvi que existem os que lhe consideram herege. Dizem ainda outras coisas, mas creio apenas isso já lhe deixará furioso”.
“Falaste como um catedrático! Saiba filho, que a virtude é sempre perseguida. Nenhum grande cavaleiro andante passou ileso por esse vale de lágrimas. Julio César, valente e prudente, foi chamado de ambicioso. Alexandre, o grande, foi acusado de ter falhas. Hércules, trabalhador incansável, foi caluniado como mole e lascivo. E São Jerônimo? E tantos outros santos, cujas vidas li pensando em mim mesmo? Se foi assim com eles, por que não seria assim também comigo? Sim, justamente eu, que fui um dos dois impedidos da história da humanidade a entrar em Belém. Entendeste?”
“Sim! E já que recebeu bem as notícias que eu tinha para dar, sou obrigado a revelar que o pior não é isso. Há algo além”.
“Pois então desembucha”, disse Don Furioso alterado, disparando a palpitação e a pressão arterial.
“Foi publicada uma história, que narra justamente nossas aventuras, com o nome de *O enganoso fisgado Don Furioso de la Mooca*. Falam também de mim e de Ivocinéia de Dobozo.

E têm coisas que apenas nós dois vivemos e presenciamos; e assim vivo perguntando-me como o narrador sabe de tudo aquilo que realmente experimentamos?”
“Asseguro-te filho, que é um mágico encantador, esse aí que descobriu nossos podres e conta nossa história”.
“Um tal de Miguel Seiva-antes Tu-terás”.
“Vale! Te enganas!”, exclamou nervoso, “Dever ser Tu-verás! Pois pelo nome pode-se facilmente conhecer. Ver é mais que ter”.
“Que perspicaz! Que inteligência! O senhor é que é o verdadeiro fenômeno!”
“É óbvio! A imprensa é que só tem olhos para o dentuço e seus milhões!”
“A história espalhou-se por toda rede, alcançando inclusive terras da cordata pátria de Portugal”.
“Valha-me Deus!”, exclamou Don Furioso interessado.
“E pelo que soube, o senhor é a personagem principal. Mostrado como virtuoso e eminente, seguro ao superar os perigos, paciente nas adversidades e pacato nos sofrimentos e nas desgraças”.
“De quantas belezas é capaz a arte!”
“Mas há algumas falhas.”
“Não passa nada, escudeiro! Enéas também não foi tão piedoso como pinta Virgilio, nem Ulisses prudente como o descreve Homero! O historiador conta como as coisas deveriam ser, não como foram. Para se compor histórias, com tão brilhante personagem como Don Furioso, é preciso grande juízo e maduro entendimento ”.
Sem mais delongas e considerações, trataram de se apressar e partir em andanças, pois a história não poderia ser encerrada na primeira parte. Don Furioso teria sido mais sábio, se tivesse deixado a vida de cavaleiro andante. Não se pode, porém, cobrar sabedoria de quem age por impulsos de vaidade.

Capítulo Segundo

De como Don Furioso ensinou seu escudeiro, também através da música, a excluir e difamar um fulano que começa a incomodar e ameaçar seu domínio sobre os demais.

Cavalgando calmamente pela Mooca, Don Furioso resolveu ensinar outras verdades para seu escudeiro. “Entenda, meu filho, essa grande verdade”, começou “Laranja podre, a gente tira do saco”.
“Como assim?”
“Como assim faz mal para o estômago!”, disse Don Furioso e gargalhou ele mesmo de sua piada. Ria de modo tão estridente que os que estavam próximos sentiam-se obrigados a rir também, ainda que não tivesse graça alguma, ou que tivesse ouvido a mesma frase centenas de vezes.
“Hahahaha”, colaborou o escudeiro.

“Presta atenção filho!”, ficou sério, obrigando o escudeiro a se controlar, **“nada se faz contra as opiniões se não se ataca as pessoas**. Quando alguém começa a dar sinais de contestação de minhas idéias ou por em dúvida minha autoridade sobre elas e os demais, é hora da agir. Tem que se extirpar esse pus, para que meu reino não desabe. Não importa se legítimo ou não, um bem maior justifica qualquer ação imoral. Melhor preservar Don Furioso e se império, que se deixar ser desmascarado. Quando o sujeito dá sinais de rebeldia, a primeira coisa a fazer é espalhar discretamente, em pequenos grupos, e às vezes mesmo em duplas, algum defeito dele. Isso é fácil, pois ninguém é completamente intocável, exceto o Cavaleiro da Taturana Figura. Isso fará com que as pessoas desconfiem do alvo, e o efeito de tudo que fizer e disser será menos prejudicial para meus domínios. Se o sujeito recua, então é preciso humilhá-lo para que aprenda bem a lição. Isso é que chamo a “picada milagrosa”. Fazemos o oponente confessar, quase de joelhos, que ele não sabe nada e que diante de mim, não tem chance alguma. Depois tem que se passar o algodãozinho, para estancar a injeção dolorosa. Para isso, começamos a chorar e abraçamos o humilhado, que passará a sentir-se amado, perdoado e reintegrado. Ele ficará tão grato, que sairá um discípulo melhor que antes. Mesmo que não se goste dele, é preciso abraçar e chorar”.
“Quanta sabedoria mestre!”
“Presta atenção! Presta atenção filho! Eu não terminei!”
“Pois não“
“Presta atenção! Não me interrompa!”
“Certo!”

“Meu Deus do céu, não me interrompa! Deixe-me concluir”.

Então o escudeiro calou-se apenas concordando com a cabeça.

“Porém, se o sujeito não aceita, então é hora de aniquilá-lo do nosso convívio e impedi-lo de ter contato com os outros; e para isso é preciso falar mal dele e expor-lhe os defeitos e pecados, se os conhecemos. Não importa os meios nem a veracidade das coisas, o fundamental é que o sujeito caia no ostracismo. Temos a licença de aumentar ou desvirtuar uma meia verdade. Em alguns casos, chamamos a pessoa e logo já disparamos berros contra ela fazendo acusações pessoais e não a deixamos, de modo algum, falar. Isso já achata o rebelde, e ele, de medo, não volta nunca mais. Em outros casos, é melhor nem convocar o revoltado, a melhor tática é ignorá-lo e jogar todos contra ele. Primeiros os amigos mais próximos e os compadres e, em seguida, todo o resto. A fama criada espalha-se rapidamente e, depois, não é preciso fazer mais nada, a besta está execrada para sempre e não infestará minhas outras ovelhas. Para completar, maldizemos o velhaco e atormentamos o sabugo rogando-lhe pragas e profetizando que será castigado por Deus e terminará no inferno. Isso é uma grande coisa, pois como previsões futuras não podem ser desditas no presente, terei sempre força nas profecias, ainda que aconteça o contrário. Se eu falasse inglês e fosse Shakespeare – um autor fraco, que não chega aos pés de Corneille –, eu continuaria aborrecendo o sujeito, ameaçando-o como Ricardo II: *Live in thy shame, but die not shame with thee! These words hereafter thy tormentors be!* Filho. Aí está o grande segredo da cavalaria andante. Digo tudo isso, filho, porque eu caminhei na rua do Bom Pastor, e dou a vida por minhas ovelhas. Eu as conheço e elas acreditam que me conhecem “.
“Espetacular! Nesse caso, meu amo, a calúnia é legitima, pois se busca um bem maior!”
“Isso filho, isso! Falas realmente como um catedrático! Eu vou cantar-lhe uma canção para compreenderes como se faz”, resolveu dizer para empolgar o escudeiro.
E com a voz desafinada cantarolou:

A calúnia, primeiro, é um ventinho leve,
Uma brisa agradável que sutil e discretamente,
fraca e vagarosamente, começa a sussurrar.
Piano, piano*, rastejando pelo chão,*
À voz baixa, misteriosamente,
Pouco a pouco se acelera.
Ela infiltra-se habilmente
Nas orelhas das pessoas
Atormentando e inflando
Suas cabeças e seus cérebros.
Ao passar pela boca, ela emerge,
E o barulho vai crescendo,
E toma força aos poucos,
Até voar de um lugar para outro.
Então se assemelha a um trovão, uma tempestade,
Que da profundeza das florestas
Urra e assombra
Paralisando todo mundo com horror.
Finalmente, com terror e tremor
Espalha-se e propaga-se como uma explosão,
Semelhante ao estopim dum canhão,
Um terremoto, um raio
Que faz ecoar pelos ares;
E o infeliz caluniado,
Alijado e desonrado
Na opinião de meu público,
Vai totalmente quebrar.
Larará, larará, larará...

Que tal minha canção, filho? Chama-se *La calunnia è un venticello*"
"Maravilhosa! Um poeta! Um artista!"
"Eu tenho também esse dom de mudar letras e fazer coisas belas, mesmo inventando palavras que não existem"

“Belas e verdadeiras, pois fazendo como na canção, todo mundo acredita!”
“Sim filho! *Stultorum infinitus est numerus*”, citou solenemente, “Que quer dizer: o número de tontos é infinito”.
“Sensacional! Vossa mercê é fenomenal! E quando coloca então aquela capa... do Zorro...”
“Aprenda de mim, filho, que sou manto e humilho os corações”.
“Agradeço a Deus todos os dias, por ter me colocado a seu lado”.
“Sim, agradeça”.
E continuaram a cavalgar.

Capítulo Terceiro

De como Don Furioso interpretou um torpedo no celular de seu escudeiro e como explicou da segurança de sua barquinha.

É sabido que a comédia e a sátira fazem muito bem às nações. Elas funcionam como espelhos, onde se vêem as ações humanas; em nenhum lugar há mais verossimilhança, porque elas representam vivamente como somos e como somos vistos. Jamais reis, imperadores ou pontífices são personagens de comédias. O protagonista deve ser sempre um rufião, um embusteiro, um mercador desonesto, um soldado medroso, um tolo apaixonado, um traído imaginário e tudo mais que Molière foi capaz de fazer.
Longe, porém, de reflexões sobre a comédia, prosseguiam pelas ruas o escudeiro e seu trágico mestre, até que vibrou o celular de Melança.
“Opa!”, exclamou, “é um torpedo!”
Ao ouvir isso, Don Furioso deu um tapão nas costas do escudeiro lançando-o na calçada e jogando-se ao chão junto com ele.
“Ali! Guerra! Torpedos! Guerra!”, bradou o Cavaleiro da Taturana Figura deitado no chão ao lado de seu escudeiro. “Os dois exércitos!”
“Exércitos?”
“Cala-te e observa filho. Os dois exércitos aproximam-se. De um lado, o chifrudo com sua legião. Belly boom, o Belzebu barrigudo! Circunferência roliça e pé de boi. Muito frango e farofa na pança! Do outro, o cavaleiro do bem, pouca telha e muita virtude! O mensageiro dos céus, a galinha que abre as asas para seus pintinhos”.

“Não é nada disso, santo amo! É apenas um pessoal saindo dum baile de fantasias!”
“Fecha a matraca, que não entendes nada de cavalaria andante! São os exércitos do apocalipse, pois se agora não é o tempo do Anti-cristo, é porque a Besta perdeu o calendário!”
“O torpedo foi no meu celular! Recebi uma mensagem!”
“Cala-te, que foi mais um encantamento do Fernandão. Os exércitos transformaram-se em foliões. Sabe filho, é muito fácil para esses encantadores fazer o que querem. Esse maligno persegue-me, porque teve inveja da glória que eu alcançaria nessa batalha, e mudou os exércitos em gozadores da vida. Prometo-te, pela minha alma, que verás ser tudo verdade o que te digo”.
“O torpedo”, disse levantando-se e erguendo seu mestre, “na verdade, foi no meu celular, com a notícia de que foi publicada uma nova encíclica!”
“Não queira, filho, com falsas alegrias, alegrar minhas verdadeiras tristezas”.
“Mas é verdade!”
“Qual o coração que não chora nesse mundo?”
“O senhor tem que ler logo, para que eu saiba que pensar e que dizer sobre essa encíclica. Enquanto não ouvir sua explicação não saberei em que coisa acreditar. É muito chato ler tudo isso! Ainda bem que tenho o senhor para mastigar tudo para mim! E então direi se é boa ou má, pois antes que eu aceite, o senhor precisa já ter aceito”.
“Veremos. E se necessário marcarei uma reunião extra!”
“Sua leitura dispensa minha leitura!”
“Isso filho! Isso! Sabes muito bem como se faz, e Deus o recompensará por isso! Filho, filhinho, é melhor ficar na minha barquinha, pois todos os barcos espalhados por ai, não passam de embarcações lideradas por Carontes”.
“Sim, em sua jangada estarei até o fim, porque Deus guiou-me a vossa mercê e com vossa senhoria eu estarei sempre em divina companhia. Ai que medo de ficar sem vossa mercê!” E continuaram ainda mais um pouco.